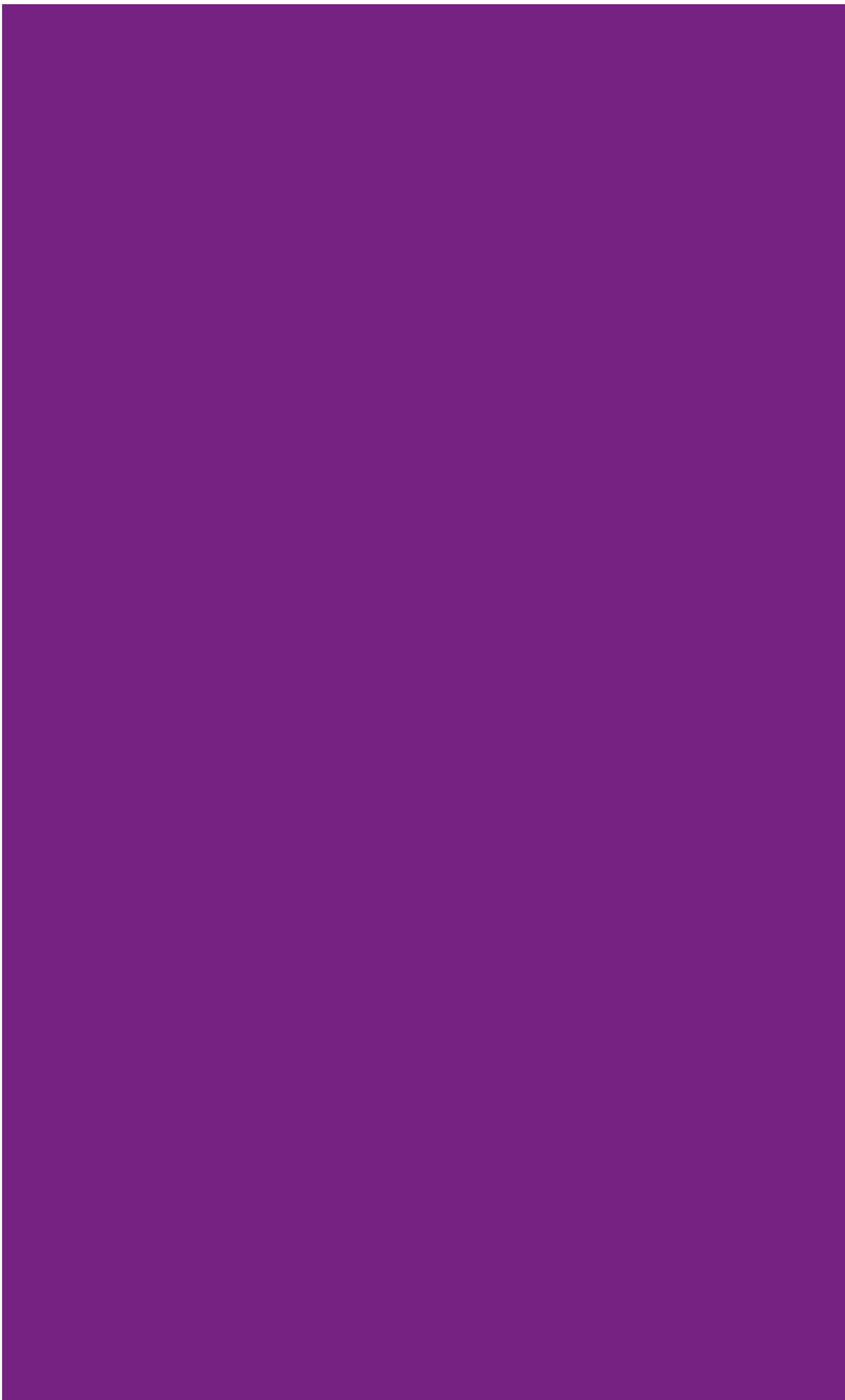


Baby: Espetáculo de Cena Fórum

Brasília (DF)

Marina Pinheiro e Stefanie Prandi





Baby: Espetáculo de Cena Fórum

Brasília (DF)

Marina Pinheiro e Stefanie Prandi



Nome da Experiência: Baby: Espetáculo de Cena Fórum



Corporação: Secretaria de Segurança Pública e Paz Social do Distrito Federal

Cidade/UF: Brasília (DF)



Data de início da experiência:
2012

Data da visita à experiência:
16 e 17 de fevereiro de 2017



Responsável pela inscrição: Lívia Martins Fernandez, escritora da Polícia Civil e idealizadora da peça

RESUMO

“Baby: Espetáculo de Cena Fórum” é uma peça de teatro elaborada e encenada por policiais civis e militares do Distrito Federal. A peça conta a história de uma mulher que está em um relacionamento abusivo com o marido e retrata situações diárias, suas vontades, pensamentos e violências sofridas. A peça foca na sensação da personagem em relação ao casamento e na falta de perspectiva para conseguir sair da situação de violência. A obra é desenvolvida a partir da técnica do Teatro do Oprimido, elaborada por Augusto Boal, como um espetáculo de cena fórum, que alia teatro à ação social. Além dos papéis principais do marido, da mulher e do filho do casal, um dos atores faz o papel de Coringa, responsável por mediar as intervenções do público, que é levado a dar uma solução para o problema da violência doméstica sofrida pela personagem principal.

INTRODUÇÃO

A Companhia de Teatro Pátria Amada foi criada em 1994 no âmbito da Polícia Militar. Nesse primeiro momento da companhia, suas atividades e peças de teatro tinham como foco a disseminação de informação sobre drogas ilícitas para jovens nas escolas. Em 2004, a companhia passa a ser subordinada à Secretaria de Segurança Pública e Paz Social do Distrito Federal (SSP-DF) e sua área de atuação é ampliada, além da prevenção do uso de drogas ilícitas passa a abordar também questões relacionadas à violência contra as mulheres.

Nesse novo contexto, em 2011, a peça “Baby” é elaborada por dois membros da Companhia, a escritora da Polícia Civil, Lívia Martins Fernandez, e o cabo da Polícia Militar, Genivaldo Sampaio da Silva. Os dois escreveram, produziram e dirigiram o espetáculo.

A primeira versão da peça sobre a realidade de um mulher vítima de violência doméstica foi elaborada nos moldes tradicionais de teatro. A peça foi modificada após a criadora, Lívia, fazer um curso sobre a técnica de Augusto Boal no Rio de Janeiro, adicionando o componente de interação com a plateia e transformando, assim, a peça em um espetáculo de cena fórum aos moldes dos conceitos do Teatro do Oprimido.

Augusto Boal e o Teatro do Oprimido

Augusto Boal foi um diretor e ator de teatro nascido no Rio de Janeiro, em 1931. Formado em dramaturgia e engenharia química pela Universidade de Colúmbia, nos Estados Unidos, retornou ao Brasil em 1956, quando passou a residir em São Paulo.

Augusto Boal é a principal liderança do Teatro do Oprimido, metodologia que alia o teatro à ação social. A técnica pretende colocar o/a espectador/a como sujeito atuante, de modo que ele passe a ser transformador da ação dramática apresentada e, portanto, protagonista. Boal ficou mundialmente conhecido pela criação desse método. O teatro do oprimido ajuda as pessoas a buscarem a ação dentro de si, preparando-as para situações que possam ocorrer no futuro.

Um dos ramos que existem dentro do método é o Teatro Fórum, que derruba a barreira entre o palco e plateia, estimulando o público a participar do diálogo. Através da apresentação de temas cotidianos, um problema é colocado, mostrando o lado do opressor e do oprimido e, em um certo momento, a peça é aberta ao público, que pode sugerir soluções para o problema. Nesse contexto, todos são levados a refletir sobre o tema e quem se sentir à vontade pode subir no palco para mostrar como acha que a questão pode ser solucionada. No teatro fórum, o ator é o próprio público e as pessoas não são só observadoras, mas protagonistas de suas vidas.

De acordo com os membros da companhia, a encenação através de um espetáculo de cena fórum gera um impacto maior na plateia, que é instigada a pensar em possíveis soluções para o problema da violência contra a mulher e a participar após a intervenção da figura do Coringa. Esse é um personagem onisciente que pede para a cena ser alterada, invertida ou refeita sob outra perspectiva sempre que haja necessidade de alertar a plateia para alguma questão significativa ou crítica.

Por ser encenada por policiais, a peça promove uma aproximação entre a comunidade e a polícia, pois conforme foi observado pelos/as atores/atrizes nos relatos de espectadores, quando a identidade dos atores é revelada, há a desconstrução da figura do policial como alguém opressivo e cria-se uma sensação de confiança por estarem tratando de um tema delicado, como a violência contra a mulher, usando a arte como forma de prevenção.

A peça foi apresentada para celebrar o Dia Internacional da Mulher, em março de 2012, a convite da delegada-chefe da Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (DEAM) do Distrito Federal, com o apoio da SSP-DF e da Secretaria da Cultura (SC-DF).

No ano de 2014, o grupo de teatro Pátria Amada ganhou o edital do Fundo de Apoio à Cultura (FAC) da SC-DF com a peça “Baby: Espetáculo de Cena Fórum” para a execução do projeto de prevenção da violência contra as mulheres. Inicialmente, o projeto aprovado pelo edital previa oito apresentações da peça em escolas e centros de atendimento a mulheres em situação de vulnerabilidade social. A repercussão foi tão grande que a companhia conseguiu adequar a verba para mais apresentações, totalizando 15 apresentações.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A peça “Baby: Espetáculo de Cena Fórum” é apresentada em locais nos quais a prevenção da violência contra a mulher possa ter maior impacto: escolas, universidades, igrejas, Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), fóruns, eventos e até mesmo movimentos sociais, como assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST). Os espetáculos podem ser solicitados pelas instituições ou oferecidos pela Companhia.

A peça conta com a participação da plateia, permitindo que muitas mulheres se identifiquem com a situação apresentada e durante a encenação tentem buscar possíveis alternativas para quebrar o ciclo de violência em que se encontram. De acordo com as soluções propostas, os/as atores/atrizes levantam junto com a plateia possíveis saídas e após o espetáculo, os policiais também apresentam as diferentes soluções existentes através de ferramentas jurídicas e institucionais disponíveis.

No momento final, há a presença do Coringa em cena, que funciona, como já mencionado, como um mediador e auxilia na condução das possíveis resoluções encontradas e discutidas com a plateia. O personagem do filho do casal, por sua vez, é encenado por um boneco, articulado pelo ex-agente da Polícia Civil (PCDF), Sérgio Eustáquio de Araújo.

De acordo com os/as atores/atrizes e os relatos recebidos por pessoas que assistiram à peça em um dos centros comunitários, a obra impacta positivamente na confiança em relação aos serviços de proteção a mulheres em situação de violência, além de incentivar a denúncia em situações de violência de gênero.

A peça ainda coloca essa temática na pauta de discussão de espaços comunitários e no interior das próprias polícias, possibilitando, assim, a desconstrução do tema dentro da corporação e entre policiais que não participam da execução do projeto.

A estratégia de avaliação e monitoramento utilizada pela equipe é feita ao final do espetáculo através de um questionário que tem duas funções: verificar o impacto da peça nos/as espectadores/as; e coletar as informações sobre os mecanismos de proteção às mulheres em situação de violência que a plateia já tinha conhecimento e o que aprendeu depois da peça.

INSTITUCIONALIDADE

A iniciativa faz parte do programa da Subsecretaria de Segurança Cidadã da SSP/DF, fazendo parte do programa com foco em políticas de prevenção da violência contra a mulher. A estrutura física necessária para o grupo é fornecida pela SSP/DF, que disponibiliza uma van para o transporte do cenário, do figurino e dos/as atores/atrizes, além de projetores e caixas de som. As roupas e outros adereços foram comprados com recursos do FAC e acumulados ao longo da trajetória do grupo.

A companhia de teatro não recebe nenhum apoio para a formação de seus/suas integrantes, mas como são policiais receberam capacitação sobre o tema da violência doméstica em suas respectivas instituições.

Além da parceria com a SC-DF e com a Delegacia da Mulher do DF, a companhia também estabeleceu uma parceria com a Fundação Dulcina de Moraes (Faculdade de Teatro).

No processo de construção da peça “Baby”, a companhia também contou com a colaboração de Maria da Penha, que assistiu aos ensaios e orientou o grupo sobre as diversas dimensões da violência contra a mulher, além de sugerir adaptações no roteiro.



*Sérgio Araújo, Livia Fernandez, Genivaldo Sampaio, Silvia Paes e Sabrina Lopes.
Foto: Danilo Ramos.*

PRINCIPAIS RESULTADOS

A iniciativa visa levar o debate sobre violência contra as mulheres, mais especificamente no âmbito doméstico, às comunidades, convidando as pessoas a refletirem sobre as formas de enfrentamento da violência e divulgando conhecimento sobre os serviços da polícia e redes de proteção disponíveis para proteger mulheres em situação de violência. De acordo com a Coordenadora de Programas de Prevenção à Violência e à Criminalidade da SSP-DF, a peça apresentou um dos maiores resultados entre as atividades da Secretaria voltadas para prevenção e sensibilização em relação à violência de gênero.

A peça coloca em debate assuntos como relacionamento abusivo, violência doméstica e, principalmente, questões de gênero. Um exemplo disso é a clara transição de papéis que acontece com a protagonista, que durante quase toda a obra é representada como dona de casa, cuja grande responsabilidade é cuidar do filho, enquanto quem trabalha é seu marido. Ao longo da peça, a atriz faz uso de um pano de prato para demonstrar o lugar que ocupa, mas, ao final da peça, quando finalmente sai de casa, joga o pano no chão. É um momento bastante simbólico, pois encerra o espetáculo com pontos muito importantes no debate em relação à violência doméstica, como o questionamento dos papéis de gênero e a superação de situações de abuso.

DESAFIOS

De acordo com os/as participantes, um grande desafio é superar a resistência nas próprias instituições policiais que não estão acostumadas com práticas artísticas e educacionais para promoção de mecanismos de prevenção e proteção de violência. O sucesso da peça se deve fundamentalmente ao engajamento e a ação dos indivíduos envolvidos e do apoio da SSP-DF.

Outro grande desafio diz respeito à questão financeira. Para a sua ampliação e aprimoramento, a experiência dependeria da formação técnica no Teatro do Oprimido e em práticas de políticas de gênero para que mais profissionais pudessem participar das apresentações.

Como perspectiva de superação das dificuldades financeiras, a companhia apontou para novos financiamentos, tanto do FAC, quanto da própria polícia, para que pudessem expandir o projeto para outras cidades, com a intenção de ter um alcance de escala nacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência “Baby: Espetáculo de Cena Fórum”, tem grande impacto nas mulheres que assistem o espetáculo, tanto naquelas que estão sofrendo alguma forma de violência, como em mulheres que já passaram por uma situação de violência parecida. De acordo com os/as atores/atrizes, a peça também tem impacto nos homens e jovens do sexo masculino, que podem passar a questionar suas relações de poder com o gênero feminino.

Segundo os/as atores/atrizes, o que mais marcou algumas mulheres entrevistadas após assistirem à peça foi o fato de se identificarem com a personagem, muitas vezes por terem passado por uma situação parecida ou conhecerem alguma mulher próxima que tenha passado ou passe por abuso. Ao se reconhecerem ou reconhecerem pessoas próximas, sentem-se menos sozinhas e capazes de encontrar recursos possíveis para sair ou ajudar outras a saírem da situação de vulnerabilidade e violência.

A peça tem grande potencial transformador e de replicabilidade, com alcance tanto na comunidade como dentro das próprias instituições policiais.



Silvia Paes, Genivaldo Sampaio, Livia Fernandez, Sabrina Lopes, Júlia Mitiko, Maria da Penha e Sérgio Araújo. Foto: Danilo Ramos.